

## CORPO-MANCHA: A FOTOGRAFIA COMO OLHAR SOBRE O CORPO MASCULINO DISSIDENTE

*CORPO-MANCHA: PHOTOGRAPHY AS A GAZE UPON THE DISSIDENT MALE BODY*

Fábio Ortiz Goulart<sup>1</sup>

---

**Resumo:** o trabalho apresenta a série fotográfica *Corpo-Mancha* (2025), composta por quinze imagens em preto e branco, que toma como ponto de partida o corpo do autor no espaço doméstico. A proposta tensiona narrativas sobre a masculinidade hegemônica, marcada por prescrições normativas que, historicamente, foram reificadas por instituições, mídia e arte. Em contraste, o corpo aqui exposto não busca adequar-se a modelos ascéticos ou idealizados, mas afirmar-se em sua materialidade – manchas, pelos, texturas e marcas – como corpo dissidente.

**Palavras-chave:** Corpo; Gênero; Masculinidade; Fotografia.

---

**Abstract:** this work presents the photographic series *Corpo-Mancha* (2025), composed of fifteen black-and-white images that take the author's own body in the domestic space as a starting point. The proposal challenges narratives of hegemonic masculinity, marked by normative prescriptions that have historically been reified by institutions, media, and art. In contrast, the body here exposed does not seek to conform to ascetic or idealized models, but rather to affirm itself in its materiality – stains, hair, textures, and marks – as a dissident body.

**Keywords:** Body; Gender; Masculinity; Photography.

---

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a série fotográfica *Corpo-Mancha*, produzida pelo autor em 2025, como uma forma de olhar para o corpo masculino dissidente. Tendo o próprio corpo no espaço doméstico como referência, a proposta da série, composta por quinze fotografias, tem como objetivo tensionar narrativas sobre o corpo masculino hegemônico, pensando como as masculinidades se conformam de formas diversas em diferentes espaços e contextos.

Partindo de referências, que vão desde os estudos de gênero até o campo da fotografia artística, produzo a série com o intuito de questionar e tensionar a masculinidade hegemônica, que prescreve um modelo de ser homem em diferentes espaços (Connell, 2003). Nessa perspectiva, ser homem está vinculado à comportamentos e a uma corporalidade que se molda a partir de um ideal, que se torna, por meio da reificação das instituições, espaços, mídia e arte, um modelo a ser seguido. O trabalho ora apresentado,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Atualmente pesquisa as representações de corpo, deficiência e masculinidade nas artes e mídias.

traz algumas reflexões a partir da imagem, tendo como ponto de vista o enquadramento da câmera como o ponto de tomada da realidade.

A reflexão perpassa os estudos de gênero, entrando em uma leitura que enfoca a construção da masculinidade dissidente do autor e na concepção da fotografia como uma maneira de enquadrar e refletir sobre a realidade. A proposta não é entender a fotografia como reflexo do mundo, mas como uma reflexão acerca do mundo, que coloca o espectador em uma relação singular, permitindo quase que a construção de uma ficção sobre este mundo (Bourriaud, 2009). A abordagem aqui é reflexiva e autorreferenciada, tomando como início uma leitura iconográfica dos elementos que compõem a fotografia, para, aí sim, entrar com as leituras sobre os sentidos sobre as fotografias apresentadas na série Corpo-Mancha.

## 2 APRESENTANDO A SÉRIE FOTOGRÁFICA

A série apresenta um conjunto de fotografias realizadas em preto e branco, jogando com a luminosidade natural do ambiente, no caso o espaço doméstico da casa. Aqui serão abordadas sete fotografias, sua seleção deu-se por questões de espaço e de construção de uma forma de narrativa que se forma a partir delas. O restante da série pode ser acessado no site do autor, cujo *link* se encontra nas referências. Na série, alguns elementos da composição se destacam, tais como o banheiro, portas e batentes, cortina e uma estante com livros e caixas de arquivo.

Na Figura 1, é possível observar a primeira fotografia da série. Ela joga com a iluminação, tornando-a opaca. A fotografia é apresentada em preto e branco, onde no primeiro plano é possível observar uma cortina de banheiro feita em plástico transparente com poucas gotas de água que quase formam uma linha no centro da metade da fotografia em direção para baixo. Na porção de baixo da fotografia, é possível observar o restante da cortina, sendo um branco opaco, ao centro e atrás da cortina, encontra-se o corpo do artista, um homem branco, a princípio não identificável, quase como um vulto, ao lado do corpo é possível observar uma estante com livros.

FIGURA 1 – Corpo-Mancha #1



Fonte: Ortiz (2025).

Nas fotografias 2 e 3, o corpo se apresenta em detalhes, o preto e branco permanece. Nas figuras é possível observar parte do púbis e parte de uma das nádegas do artista, em ambos os casos é mostrada uma das mãos, parte do antebraço e parte das pernas. É possível observar a estante de livros e caixas de arquivo atrás deste corpo, que agora ocupa o primeiro plano, além de marcas corporais, como manchas e pelos.

FIGURA 2 e 3 – Corpo-Mancha #2 e #3



Fonte: Ortiz (2025).

Nas fotografias 4 e 5, em preto e branco, o detalhe sobre o corpo ainda se faz presente, mas agora, é possível observar parte do torso e das costas, o pescoço e a nuca do corpo, além de partes da orelha, um dos mamilos e manchas e espinhas na pele. O fundo destas imagens é escuro, não sendo possível distinguir nada.

FIGURA 4 e 5 – Corpo-Mancha #4 e #5



Fonte: Ortiz (2025).

Por fim, as fotografias 6 e 7 o uso do preto e branco se mantém, mantendo a unidade da série. O detalhe não é mais visível, há a presença de um plano mais aberto, que dá a ver parte do espaço que o corpo ocupa, bem como o artista quase em sua totalidade, com exceção das pernas. Na figura 6, o artista utiliza óculos de grau e está um pouco acima do peso, o corpo está de perfil, formando quase uma moldura em conjunto com o batente da porta, que se encontra perpendicularmente ao sujeito, deixando luz natural, oriunda da janela com acima da cabeça do artista, entrar no ambiente como ponto focal. Já na figura 7, o corpo se encontra frontalmente, olhando para o espectador, é possível observar parte da porta à direita do espectador e a janela ao fundo, que ilumina o ambiente e a cabeça do artista.

FIGURA 6 – Corpo-Mancha #6



Fonte: Ortiz (2025).

FIGURA 7 – Corpo-Mancha #7



Fonte: Ortiz (2025).

### 3 PENSANDO A SÉRIE

As imagens, todas em preto e branco, trazem consigo uma estética soturna, com a sombra sendo quebrada somente pela luz natural que emana de uma janela. Além disso, a série dialoga com outros artistas, como Robert Mapplethorpe (Figura 8), que na década de 1970 realizou uma série de fotografias de homens de seu círculo social, como colegas, amigos e amantes, bem como seu próprio corpo (Wolf, 2008), permitindo hoje, que possamos discutir a questão da corporalidade gay.

Na Figura 8 (abaixo), podemos observar um autorretrato em fotografia de Robert Mapplethorpe. Trata-se de um homem branco, magro, com cabelos escuros, nu e com a genitália pouco visível. Ele encara o espectador com a cabeça levemente inclinada para

baixo e esquerda do espectador. Seu corpo está depilado, há uma forte fonte de luz vinda da direita que ilumina partes do rosto, pescoço e torso do artista. Ele está encostado em uma parede, com o braço direito segurando uma peça de roupa com listras verticais, que se encontra a meio braço, como se ele ainda tivesse despindo-se. O braço esquerdo está para trás de seu corpo, escorado na parede. Sua sombra está projetada à esquerda da fonte de luz.

FIGURA 8 – Robert Mapplethorpe. Sem título (autorretrato). Da série Polaroids. 1973.



Fonte: Wolf (2008).

Outro artista relevante que dialoga com a série fotográfica é John Coplans, que aos 60 anos passou a registrar as transformações de seu corpo idoso, com ênfase no detalhe e nas partes, sem mostrar o rosto. O mesmo movimento se aplica, o corpo do artista e autor deste texto vai sendo desvelado conforme a série vai sendo apresentada, primeiro o corpo oculto sob a cortina de banheiro, depois o corpo em detalhes em primeiro plano do púbis, nádegas,

peito e costas, por fim o corpo quase que por inteiro, ainda que o rosto não seja completamente visível, o corpo passa a adquirir uma certa identidade.

A série *Corpo-Mancha* ao propor o tensionamento da visualidade contemporânea no que se refere aos corpos cis-masculinos, historicamente representados em posições de autoridade, poder, tensão sexual ou disponibilidade, questiona esse modelo ao propor a imagem de um corpo dissidente em relação aos parâmetros tradicionais de representação do masculino cisgênero. Trata-se de um corpo que se afirma em suas particularidades – pelos, manchas, texturas e outras marcas corporais, ao torná-las visíveis, recusando-se à depuração estética. É um corpo não ascético, que não se reduz à condição de imagem-ídolo nem aspira à universalidade representativa. O ambiente íntimo do banheiro doméstico, espaço de rotina e privacidade, é transmutado em palco para o gesto performático. Assim, o corpo dialoga com práticas fotográficas da contemporaneidade que buscam olhar para o corpo dissidente, aquele que foge à norma de uma masculinidade hegemônica e ideal. Por fim, é importante ressaltar que aqui a fotografia não reflete a realidade, ela proporciona reflexões sobre ela, ela nos coloca, como afirma Nicolas Bourriaud, em uma relação singular com a realidade, nos colocando no lugar daquele que reflete sobre (Bourriaud, 2009).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série apresenta um conjunto de quinze fotografias em preto e branco, que trazem como principal elemento o corpo do artista para refletir sobre a realidade e acerca de uma pretensa ideia sobre o corpo masculino, especialmente do corpo que foge à norma. Assim, articulando artistas como Robert Mapplethorpe e John Coplans, *Corpo-Mancha*, longe de ser uma narrativa isolada no campo da arte contemporânea, faz parte de um conjunto de práticas fotográficas que torcem e desvelam novas camadas fotográficas sobre o corpo masculino, contribuindo na construção de novas narrativas sobre tais corporalidades no contexto brasileiro.

#### REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CONNELL, Raewyn. **Masculinidades**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

ORTIZ, Fábio. **Corpo-Mancha**. Rio Grande, RS: 2025. Disponível em: <https://fabioortizg.com/trabalhos/corpo-mancha-body-stain/>. Acesso em: 07 jan. 2026.

WOLF, Sylvia. **Polaroids**: Mapplethorpe. Munich: Prestel, 2008.

Recebido em: 18/09/2025  
Aceito em: 18/03/2026